

PORTVCALE

REVISTA ILUSTRADA DE CULTURA LITERÁRIA, SCIENTÍFICA, E ARTÍSTICA

DIRECTORES:

AUGUSTO MARTINS
CLÁUDIO BASTO
PEDRO VITORINO

600.



SUMÁRIO

Dr. Mária Barreto — por Jacques Raimundo.
Ossuário, antiga cidade do Algarve, durante o domínio árabe — por Vitoriano José César.
INÉDITOS & AUTÓGRAFOS: I — *Carta de Gualmar Torresão*; II — *Versos de Camilo Pessanha* — por Cláudio Basto.
História dum boneco do «boulevard» — por Carlos Parreira.
Monotopia (fólia solita) — por Abel Salazar.
O Plator António Carneiro — por Vila-Moura.
Nítala filológica — por Francisco Torrinha.
VÁRIA: *Um cálice do século XVI* — por Pedro Vitorino; *Panorama* — pela Redacção.

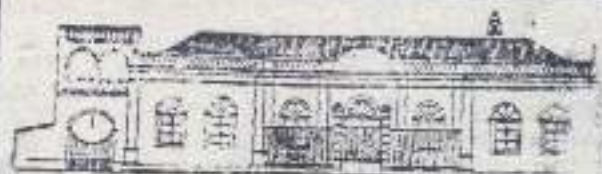
IN MEMORIAM: *Mária Barreto* (com gravura) — por Cláudio Basto.
BIBLIOGRAFIA (nacional e estrangeira) — pela Redacção.
NOVIDADES (em Portugal e fora de Portugal).
VIDA ACADÉMICA: *Academia das Ciências de Lisboa*.
RES & VERBA: *Os museus no estrangeiro; O valor da Placa-radiologia; Intermediário dos amadores de livros; Vestimentas; O estudo científico da pintura; Cinematografia... portuguesa; Notas Camilianas.*

RED. E ADM.: R. DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178
PORTO ~ PORTUGAL ~ TELEFONE 2798

G. HARR

GARBE

PREÇO 4 ESC.
54118



Casa da Cultura António Bernardino
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º 2118

Cat. 3-4

OSSÓNOMA, ANTIGA CIDADE DO ALGARVE, DURANTE O DOMÍNIO ÁRABE

PEQUENA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DE OSSÓNOMA

PUBLICOU em «o Século» o Sr. Dr. José Júlio Rodrigues alguns interessantes artigos sôbre a antiga e notável cidade de *Ossónoma*, da qual restam ainda hoje manifestos vestígios. Em todo o mundo culto se procura pôr a descoberto os restos de antigas povoações, documentos evidentes de extintas civilizações.

Tem isto interêsse não só sob o ponto de vista histórico, mas também do turismo, que constitui por tóda a parte uma fonte de receita, quando haja comodidades a oferecer aos turistas.

As belezas naturais de um país, os seus monumentos, caracterizando épocas e civilizações passadas, são outros tantos elementos que contribuem para chamar visitantes estrangeiros.

Ora o ilustre professor Dr. José Júlio Rodrigues, ao tratar da notável cidade de Ossónoma, diz num dos seus primorosos artigos o seguinte: «*Porque morreu e se soterrou Ossónoma? Seria em 711, na trágica aventura de Rodrigo, quando Tárik, como um flagelo, invadiu e subjugou as Espanhas?*»

É a estas interrogações que eu procurarei responder.

Em primeiro lugar direi — Tárique não foi a Ossónoma, e o rei Rodrigo não morreu em 711.

Julgo porém necessário bosquejar primeiro, ainda que rapidamente, o que foi a invasão muçulmana, para melhor se compreender a sorte que teve Ossónoma.

Tendo sido nomeado Muça governador de África, êste foi-se apoderando do reino de Urbano¹, berbere da tribo dos gomeras,

¹ *Urbano* é o conde Juliano ou Julião de que falam as crónicas, mas só a partir de 1110.

P O R T U G A L E

e em 707 tomava Tânger, obrigando Urbano a retirar-se a Ceuta. Na primavera de 708, Muça assolou o território de Ceuta.

Urbano para ter quem o socorresse, em caso de maior perigo, declarou-se cliente de Vitiza, rei dos visigodos, e pediu-lhe auxílio contra as tropas de Muça, logo que viu ameaçada Ceuta. Vitiza forneceu-lhe armas, munições e algumas tropas; mas a morte do rei visigodo e a guerra civil, que se seguiu, privaram Urbano de mais auxílios, enviados da Espanha, vendo-se forçado a capitular. A capitulação foi feita porém em boas condições. Muça manteve Urbano no govêrno de Ceuta, mas depois de êle ter previamente reconhecido a soberania do califa Uadil.

Tendo sido D. Rodrigo proclamado rei de Espanha, em detrimento dos filhos de Vitiza, veio um destes filhos, chamado Achila, pedir o auxílio de Urbano, visto êste ser um cliente da sua família. Mediante autorização de Muça, êsse auxílio foi prestado no verão de 709. O destacamento enviado foi batido pelos partidários de D. Rodrigo. Então Achila pediu a Urbano que solicitasse de Târique, que era governador de Tânger, um corpo de tropas mais importante. Târique enviou o pedido a Muça, que não se julgou autorizado a intervir nas lutas que tinham lugar na Espanha, mas recomendou Achila ao califa, que deferiu o pedido, mas com a condição de Urbano acompanhar a expedição, de Achila deixar reféns, e de se fazer previamente um reconhecimento à costa andaluza.

Em 710 o árabe Tarif e Urbano, levando consigo uma fôrça de 400 infantes e 100 cavaleiros berberes, desembarcaram na ilha das Pombas, e, auxiliados por alguns partidários da família de Vitiza, fizeram um reconhecimento desde Tarifa a Algeciras, e em seguida voltaram a Ceuta.

Na primavera de 711, o partido vitiziano tinha conseguido que os francos entrassem pela fronteira de Navarra, o que obrigou D. Rodrigo a ir ao encontro destes invasores com tôdas as fôrças que pôde reunir.

A ocasião era propícia para operar no sul, e então Muça enviou o berberisco Târique com 7.000 berberes gomeras, tendo Urbano auxiliado com os seus barcos o transporte destas tropas, que desembarcaram no penhasco de Gibraltar, que fortificaram. Daqui partiu um destacamento a tomar posse de Carteia (hoje Torre de Cartagena) e depois de Algeciras, ficando assim organizada uma base de operações.

P O R T U G A L E

Tendo ficado em Algeciras os transportes (que não foram queimados como diz a lenda), as tropas berberiscas marcharam sobre Córdoba. Pretendeu Bencio, sobrinho de Rodrigo, opor-se à marcha destas tropas, mas não o conseguiu. Foi então Ulliesindo avisar Rodrigo, instando para que se apressasse a vir com o seu exército ao encontro do inimigo. Marchou o rei visigodo para Córdoba, onde se lhe reuniu um corpo de tropas, do comando de Sisberto, que alguns consideram filho, e outros irmão de Vitiza, hipóteses que Francisco Codera e E. Saavedra rejeitam.

Tárique, vendo que a empresa já ia oferecendo dificuldades, pediu um reforço a Muça, que lhe enviou 5.000 homens, sob as ordens de Tarif. Conseguiu assim aquêl general reunir uns 25.000 homens com os partidários de Vitiza. Tárique veio então tomar posição, de modo que apoiava a sua esquerda no lago de Janda, que recebe as águas do rio Barbate, e a direita nos últimos contrafortes da serra dos *Tahones*, tendo na sua frente os lodaçais do Barbate.

O exército de Rodrigo veio acampar na planície do Barbate, perto de Medina Sidónia, junto da actual aldeia de *Casas Viejas*. No dia 19 de Julho de 711 começaram as escaramuças e reconhecimentos, e no dia 20 travou-se a batalha. O rei Rodrigo estava confiado na sua força numérica, e por isso tomou a iniciativa do ataque.

Apareceu então *Opas*, irmão de Vitiza (o futuro arcebispo de Sevilha), que, sob pretexto de ser intermediário para se chegar a um acôrdo, conseguiu levar Sisberto, que estava na ala direita, a retirar durante a batalha.

Foi então que as tropas negras de Tárique fizeram um movimento envolvente, cortando as comunicações das tropas visigodas com a praça de Medina. Estas tropas, tomadas de pânico, retiraram desordenadamente pelo vale de Tempul; mas logo que receberam reforços da praça de Ecija, procuraram fazer frente ao inimigo nas planícies de Sevilha, o que não conseguiram, tendo de se acolher a Ecija.

Tárique cercou esta praça, que defendia a passagem do Genil.

Chegou nesta ocasião Urbano, que secretamente convenceu o governador da praça a entregar esta. Propôs-se então Tárique marchar sobre Toledo; mas como a guarnição de Córdoba impedia a passagem do Guadalquivir pela estrada de Pedroches, deixou um destacamento sob o comando de Mogueit a cercar Córdoba, e foi

P O R T U G A L E

passar o rio em Menjibar, seguindo depois pela via romana sobre Toledo, onde entrou sem ter experimentado grande resistência. Ainda Tárique avançou por Guadalajara até Alcalá de Henares; mas o inverno e o cansaço das tropas obrigaram-no a retroceder para Toledo. Já então Mogueit se tinha apoderado de Córdova. As forças de Tárique estavam muito reduzidas, e, tendo receio que Rodrigo lhe cortasse as comunicações com o mar, pediu mais forças a Muça. Este veio pessoalmente, em abril de 712, com um corpo de 18.000 homens de tropas escolhidas, que foram desembarcar em Algeciras.

Com êle vinha Urbano, que o fôra informar da situação crítica de Tárique, por falta de método nas suas operações. Tratou Muça de organizar uma linha segura de comunicações de Toledo com o mar. Começou por tomar Medina Sidónia à viva força; depois, ocupou a fortaleza de Guadaira para impedir a comunicação de Sevilha com a praça de Carmona, a que pôs cêrco. Só então foi atacar Sevilha, que pouco resistiu, tendo a guarnição visigoda retirado pela via romana, que se dirigia por Niebla às bôcas do Guadiana. Passado êste rio, a via romana bifurcava-se: um ramal ia ao longo da costa em direcção a *Ossónoba*; outro seguia paralelamente ao Guadiana, para depois ir a Beja.

Foi por êste ramal que retirou a guarnição de Sevilha, indo acolher-se à praça de Beja.

De *Ossónoba* ia um ramal a Silves e a *Arani* (Monchique), e outro ia de Silves ao promontório do Corvo (S. Vicente).

Muça seguiu directamente pela via romana, de Sevilha a Mérida, onde ainda o rei Rodrigo tinha organizado a resistência, que foi grande, pois as operações contra esta praça levaram o resto de 712, todo o inverno, e parte da primavera de 713, e só a 30 de Junho dêste ano é que Mérida capitulou, depois de terem escapado os principais chefes hispano-godos, incluindo o próprio rei Rodrigo.

Não foi, pois, nesta expedição de Muça que *Ossónoba* e Beja caíram em poder dos árabes, mas sim mais tarde. Muça conservou-se ainda um mês em Mérida a organizar a posse dos territórios conquistados.

Como os partidários de Vitiza reconhecessem que Muça não vinha restabelecer Achila no trono, mas a conquistar a Espanha, começaram a revoltar-se.

P O R T U G A L E

De Sevilha foi expulsa a pequena guarnição africana, tendo vindo em auxílio dos sevilhanos gente de Niebla e de Beja.

Encarregou Muça a seu filho *Abdelazir* de ir operar contra os revoltosos, e foi então que êste general restabeleceu a ordem em Sevilha e foi tomar *Ossónoba* e *Beja*.

Depois da perda de Mérida, as tropas que acompanhavam D. Rodrigo foram ainda tentar a resistência nas serranias da Gata, que se liga pela serra das Mesas à serra da Estrêla, em Portugal.

Não quis Muça marchar sôbre Toledo, deixando à retaguarda fôrças inimigas, e por isso fêz primeiro uma concentração de fôrças, ordenando a Tárique que seguisse por Talavera e o esperasse próximo de Almaraz, entre o Tejo e o Tiétar.

Foi aqui, quando se lhe reüniu Tárique, que Muça o repreendeu ásperamente, e bastante encolerizado, por aquêle ter avançado temerariamente, e não ter cumprido as suas instruções, de forma que tinha corrido o risco de comprometer as operações.

Reünidas as fôrças, Muça tomou pela via romana, que vai de Mérida a Salamanca, indo acampar no ponto de cruzamento da estrada Mérida-Salamanca com a de Alba de Tormes-Ciudad Rodrigo.

Foi então que o rei Rodrigo pretendeu realizar um ataque de flanco, tomando pelo pôrto de *Rinconada*, e atacando as fôrças inimigas. A êste ataque fêz frente o corpo comandado por Meruán, outro filho de Muça. Deu-se o combate de *Segoyüela de los Cornejos* (a *Sangoneza* do poema de Fernán González), perto de *Tamames*. Foi êste o último esforço dos visigodos. A derrota dêstes foi completa e ali morreu D. Rodrigo. O corpo dêste rei, levaram-no os seus através da Serra da Estrêla, indo enterrá-lo em S. Miguel do Fetal, próximo de Viseu. O rei D. Afonso o Magno (866-911) ali foi encontrar o sepulcro, tendo na lápide: «*Hic requiescit Rudericus rex Gothorum*».

Não pôde Muça seguir os restos das tropas, porque Toledo se revoltara, declarando-se independente, e teve por isso de ir novamente cercá-la.

Então Muça tirou a máscara, proclamando o califa de Damasco como o único senhor da Península.

Os filhos de Vitiza conformaram-se com a situação, declararam-se vassallos daquele soberano, recebendo as propriedades, que lhes tinham sido confiscadas pelo rei Rodrigo. Opas, irmão de

P O R T U G A L E

Vitiza, foi nomeado arcebispo de Sevilha, como recompensa da sua traição.

Muça preparou-se para passar o inverno em Toledo e enviou uma embaixada a Damasco a comunicar ao califa Ualid o que se passara.

Mogueit, que fazia parte desta embaixada, tais acusações fez contra Muça e Tárique, que estes foram chamados a dar contas dos seus actos.

Muça, em 714, ainda continuou as operações, avançando até à cordilheira Cantábrica e atacando os vascões da esquerda do Ebro, e chegando mesmo até Gijon, obrigando os asturianos a refugiar-se nas montanhas.

Alguns dos condes hispano-godos declararam-se vassallos do califa, e até houve bispos que serviram de intermediários para a pacificação, declarando mesmo que uma profecia de Jeremias anunciara a vitória dos muçulmanos! O terreno era porém tam bravio que os exploradores declararam não encontrar ninguém em terrenos só habitados por feras. As tropas começavam a mostrar relutância em avançar pelas montanhas, e por isso Mogueit declarou a Muça que era já tempo de ser cumprida a ordem do califa.

Reunidas as tropas de Muça e de Tárique, vieram para Córdova, e daqui foram embarcar em Sevilha.

Muça e Tárique levaram ricos presentes para o califa. A sua partida teve lugar em setembro de 714, chegando a Damasco a 16 de Janeiro de 715. Com eles foi também Urbano.

Em Espanha ficou governando Abdelaziz, filho de Muça. O novo governador, tendo partido de Beja, apoderou-se de Évora, de Santarém e de Coimbra. Em 715 operou a sudeste, apoderando-se de Málaga e de Granada, e por fim entrou pelo território de Múrcia, onde governava o hispano-godo Teodomiro, que se encerrou em Orihuela, onde por fim teve de capitular, mas honrosamente, pois foi feito um acôrdo, em virtude do qual Teodomiro ficou governando no seu condado com independência administrativa e religiosa.

Os habitantes, como súbditos do califa, ficaram pagando tributo, mas na posse das suas propriedades.

Abdelaziz procurava por meios suaves granjear a amizade dos hispano-godos, tendo para isso desposado a rainha Egilona, viúva do rei Rodrigo, e parece que até se tornara cristão.

O próprio Pelaio veio a Córdova, a pedido de Egilona, para

P O R T U G A L E

se estabelecer um convénio como o que fôra concedido a Teodomiro; mas os muçulmanos, vendo a simpatia que Abdelaziz tinha pelos cristãos, e julgando que êle tentava tornar-se independente, assassinaram-no, em 717, e a sua cabeça foi enviada ao califa.

Interinamente ficou governando a Espanha Ayub, até que veio o governador nomeado pelo califa.¹

O novo governador, chamado Alhor, seguiu uma política oposta à que adoptara Abdelaziz.

Em vista disto, Pelaio abandonou Córdova com os seus clientes, indo para as Astúrias preparar a luta contra os invasores.

Contra Pelaio foi enviado o general Alcama, que foi derrotado na *Cova de Onga* (Covadonga) em 718.

Muito antes desta batalha, já o nobre Pelaió¹ fôra escolhido para chefe dos asturianos. Não foi só Pelaio que reagiu contra o domínio muçulmano, mas também os vascões. Pamplona, Jaca, Ainsa, foram outros tantos centros de resistência, onde os muçulmanos não conseguiram dominar.

A conquista levada a efeito por berberes e árabes, e havendo entre estas diversas tribos quasi sempre em conflito, não podia oferecer grande solidez, e por isso os sucessores de Muça não gozaram de completa tranquillidade.

Quando Abderrahman I formou o califado de Córdova continuaram essas lutas, formando-se vários pequenos estados sem obediência aos califas cordoveses. Foi *Aben Meruán* um desses chefes insubmissos, que se declarou rei de Badajoz, e a que pertencia Lisboa.

No tempo de Mohamed I quis êste meter na ordem Aben Meruán, e para isso mandou contra êle um exército, sob o comando do seu filho Almondir e do general Haxim, mas estes foram derrotados. Então Meruán entrou pela provincia de Sevilha e invadiu o distrito de *Ossónoba*, que êle tratou de fortificar, assim como o *Monte Sécór* (Monte Sêco) e *Arani* (Monchique), ficando em breve senhor de todo o Algarve.

Um outro guerrilheiro também muito célebre, chamado Omar,

¹ Pelaio era nobre e um dos partidários de Rodrigo e fizera parte da sua corte, e não era um bandido, como diz Oliveira Martins na sua «História de Portugal».

P O R T U G A L E

filho de Hafsún, conseguiu formar um reino independente nas serranias de Málaga (880).

Estes dois chefes continuaram a luta com os califas Almondir e Abdallah. Outros chefes berberiscos se declararam independentes, como os de Niebla, de Monteza, de Medina Sidónia, de Lorca e de Saragoça.

Também alguns chefes moçárabes e muladis manifestaram a sua desobediência ao emir de Córdoba nos distritos que governavam, como foi *Becre* (ou Béker), filho de Tahia e bisneto do cristão Zadulfo, que formara um principado em *Ossónoba*, abrangendo Santa Maria do Algarve e Silves.

Foi para Santa Maria de *Faroún*, ou *Faroón*¹, que Becre transferiu a sua residência, fortificou-a, cercou-a de muralhas e pôs-lhe portas de ferro, organizando aqui a sua corte e tomando ares de sultão. *Ossónoba* estava em decadência, e é natural que tivesse sofrido bastante com o grande terremoto de 26 de Maio 881, que fez grandes estragos no Algarve, desviando o curso dos rios e modificando bastante a costa desta região. O sismo de 889 não foi menos violento em todo o Andaluz, fazendo-se sentir ainda no Mogreb e na Ifríquia.

Santa Maria deveria ter-se desenvolvido e tomado importância, desde que aí se foi estabelecer o príncipe Mohammed ben Said ben Harún, oriundo de uma família ilustre de Mérida, pois desde então se passou a chamar Santa Maria de Harún (*Fárun*).

Outro ramo desta família se estabeleceu na região de *Rioja*, perto de *Briones*, onde ainda hoje existe uma povoação com o nome de *Haro* ou *Faro*.

Também nas terras de Navarra havia um castelo com o nome de *Faro* e que pertencia ao conde D. Garcia Ordóñez.

É certo que Becre organizou admiravelmente os serviços do principado, conseguindo que houvesse ordem e segurança para os viajantes em todo o território. Depois entrou em negociações com o emir de Córdoba, Abdallah, que o confirmou no governo. Por

¹ Segundo *Slave e Dozy*, a terminação *ún* ou *ón*, nos nomes árabes, designava um apelativo de nobreza. Assim os descendentes do nobre *Hafs* eram designados por *Hafsún*. É pois natural que de *Harún* ou *Haroon* se derivasse *Farún* ou *Faroon*, visto que o *H* se pronunciava *F*.

P O R T U G A L E

fim Becre passou a residir em Silves, por ficar mais no centro do principado de Ossónoba. Neste tempo ainda a igreja de Santa Maria de Ossónoba era grandiosa e afamada, como a do *Corvo*, no promontório do mesmo nome, onde havia também uma mesquita, à qual iam numerosos peregrinos fazer oração.

Aliado de Becre havia outro rebelde, Abdelmélis Abenabial-chamaa, que era quem governava em Beja, que fortificara, assim como Mértola, que se tornara uma das mais fortes praças que os muçulmanos tinham no Algarve.

O califa Abderrahman III, emir activo e enérgico, procurou submeter os chefes rebeldes. Cercou primeiro Mérida e depois Badajoz, e, deixando parte das fôrças no sítio desta praça, enviou um destacamento sôbre Santarém, cuja posse lhe garantia a passagem do Tejo.

Santarém não ofereceu resistência. Já o mesmo não sucedeu no ataque a Beja, que só capitulou ao fim de um apertado cêrco. Em seguida foram as tropas do emir acampar junto a Ossónoba, onde governava então Ialáf, filho de Becre. Isto foi a 2 de Agôsto de 929.

Primeiro foi tomado o castelo de *Al-Nexe*, onde Ialáf tinha muitas riquezas, armas e provisões.

Reconhecendo o califa Abderrahman quanto aquêlê príncipe era querido das populações, e quanto era boa a administração do seu estado, julgou de boa política aceitar a vassalagem que êste régulo lhe oferecia, deixando-o continuar no govêrno, pagando porém um tributo anual.

Tendo-se rendido Mérida neste mesmo ano de 929, o Andalus permaneceu numa relativa tranqüilidade, que ainda se conservou durante o govêrno do califa Alhakem II.

Êste também procurou manter a ordem e fazer boa administração. Tendo chamado do Oriente para Córdova um homem notável pelo seu saber, chamado *Sapur*, confiou-lhe o govêrno de Badajoz; mas êste homem, mais tarde, declarou-se independente e formou o *reino de Badojoz*, que adquiriu uma grande importância.

Teve êste reino por limites: ao Norte, a fronteira da Galiza, que então chegava ao Douro, do lado de Portugal, e até próximo de Salamanca, do lado de Leão; a Este, seguia a cordilheira do Guadarrama até à serra Morena; ao Sul, seguia esta cordilheira, vinha a Mourão, Serpa, Cabeço do Rei (entre as ribeiras de Cobre

P O R T U G A L E

e de Terges), Colos, e ia até à foz do Mira. Ficavam, pois, fazendo parte do reino de Badajoz: Beja, Évora, Lisboa, Santarém, Moura, etc.

Ficava-lhe de fora o principado de Ossónoba, onde governava então Mohammed ben Said ben Harún; assim como o principado de Mértola, onde se declarara independente Aben Taifur; e ainda Silves, que formava um govêrno separado de Ossónoba.

Silves, porém, foi tomada de assalto por Motadid, rei de Sevilha, que confiou o seu govêrno a seu filho Mohámed Motamid. Este tomou depois Ossónoba e Santa Maria de Farún (1052), que foram encorporados no reino de Sevilha.

Tendo em 1068 morrido o rei de Badajoz, Almodáffar, deveria suceder-lhe seu filho Iahia; mas o irmão dêste, Omar-al-Motankil, que governava em Évora, não o quis reconhecer, e declarou-se independente.

Omar ficou governando a região que compreendia Évora, Sines, Alcácer, Setúbal, Lisboa, Sintra, Óbidos, Leiria, Santarém, Soure, e tôda a bacia do rio Tomar.

A linha divisória dos reinos dos dois irmãos seguia pelo Sever, passava a oeste de Elvas, de Jurmênia e rio Guadiana. Na bacia do Tejo notavam-se então pequenas povoações de berberiscos, correspondendo cada uma a uma família ou a uma tribo, com o seu *cheik*. Nas cidades vivia principalmente a gente moçárabe.

Em 1081, tendo morrido repentinamente Iahia, seu irmão Omar correu a Badajoz a fazer-se proclamar, deixando o govêrno do principado de Évora a seu filho Alabbás, o de Santarém a um outro filho, chamado Mejdodaula, e o de Mérida a Alfádal, seu filho também.

O reino de Badajoz voltou à sua antiga unidade, e Omar adquiriu então grande importância, a ponto dos toledanos pedirem o seu auxílio para expulsarem o seu rei, que Afonso VI de Leão procurava sustentar. Desta luta resultou ter Cádir, o rei de Toledo, de entregar esta cidade ao rei cristão, que dela tomou posse a 25 de Maio de 1085. A posse de Toledo por Afonso VI encheu de terror os diferentes reis que governavam no Andaluz, e foi então que estes resolveram enviar uma embaixada ao imperador dos almorávidas, Iúçufe ben Texufin, pedindo-lhe os socorresse contra os cristãos.

Iúçufe veio à Península com um poderoso exército, ao qual se reuniram contingentes dos diferentes reinos muçulmanos do Andaluz.

P O R T U G A L E

As tropas concentraram-se em Sevilha, donde partiram para Badajoz. Após um longo descanso, as tropas muçulmanas iniciaram a marcha com o fim de irem passar o Tejo em Alcântara; mas não tardou que fôsse anunciada a aproximação das tropas de Afonso VI, que tinham acampado próximo do castelo de Sacralias (ou Zalaca, como lhe chamavam os árabes), entre Badajoz e Albuquerque, separados os dois exércitos pelo rio *Hagir* (Guerrero). Travou-se uma terrível batalha, da qual saiu desbaratado Afonso VI, que com dificuldade se salvou com 500 cavaleiros, indo gravemente ferido (23 de Outubro de 1086).

Iúçufe, tendo recebido a notícia da morte de seu filho Abubequer, que êle deixara doente em Ceuta, retirou imediatamente para a África, deixando na Península um corpo de tropas, sob o comando do general Syr, que ficou encarregado de continuar as operações não só contra os cristãos, mas também contra êsses reizinhos que entre si tinham dividido a Espanha muçulmana.

A retirada de Iúçufe para a África permitiu a D. Afonso VI reorganizar as suas fôrças e ir devastar os territórios dos reis de Taifas, especialmente os de Motamid, rei de Sevilha. Êste foi então pessoalmente à África solicitar a vinda de Iúçufe, que veio pela segunda vez à Península, e foi pôr cêrco ao castelo de Alêdo, donde saíam destacamentos cristãos a devastar os campos andaluzes.

Resistiu esta praça a um apertado cêrco de quatro meses, sem se render. As intrigas e conflitos entre os reis de Taifas, e a revolta das tropas de Abdelaziz, rei de Múrcia, que dificultavam a chegada de mantimentos, irritaram Iúçufe, que, vendo aproximar-se o inverno e sabendo que Afonso VI avançava com fôrças importantes, resolveu retirar para África, mas ficando convencido que, dada a fraqueza dos régulos andaluzes, fâcilmente poderia apossar-se dos seus estados.

Ficou na Península com algumas tropas o general Syr, o qual não tardou a tomar Tarifa, Córdova, Carmona, Baeza, Segura, Calatrava; e indo pôr cêrco a Sevilha, esta rendia-se a 10 de Setembro de 1091.

Motamid foi feito prisioneiro e enviado para Mequinez, donde foi para Tânger, e depois para Agnat, onde morreu.

Seguiu-se a tomada de Ronda e de Mértola; e, durante 1092 e 1093, foram ocupadas Almeria, Múrcia, Dénia e Játiva. Restavam ainda independentes Badajoz, Valência e Saragoça.

P O R T U G A L E

Em 1093 reuniu Afonso VI em Toledo um grande exército, com o qual entrou pela Lusitânia, tomando Santarém, Lisboa e outras terras, e incorporando estas terras conquistadas no govêrno da Galiza, confiada então ao conde D. Raimundo de Borgonha, que nomeou seu lugar-tenente D. Sueiro Méndez.

Diz Sandoval (Liv. dos Cinco Reis, pág. 85) que, em 1095, apesar do conde D. Henrique de Borgonha estar já casado com D. Teresa, ainda não figurava como governador em Portugal.

Contudo Santarém e Lisboa não tardaram em voltar para o poder de Omar, rei de Badajoz.

Êste rei, vendo a sorte que iam tendo os diferentes reinos andaluzes, julgou salvar-se, auxiliando o general almorávida Syr contra Motamid; mas Syr, tendo em pouca conta êste auxílio, foi-se apoderando de Évora, Mértola, Silves, Santa Maria de Farún, e de outras praças do Algarve meridional.

Então o rei de Badajoz foi procurar o auxílio de Afonso VI, oferecendo-lhe em troca a cedência de Santarém, Lisboa e Sintra.

De facto, o conde D. Raimundo chegou a tomar posse de Santarém, e na primavera de 1095 marchou a ocupar Lisboa; mas foi atacado e derrotado por tropas do general Syr.

Esta aliança de Omar com o rei cristão exasperou o general almorávida, que tomou Badajoz, e enviou prisioneiros para Sevilha a Omar e dois filhos seus, Fadhl e Abas.

No caminho, porém, a escolta, cumprindo ordens do general Syr, matou os régios prisioneiros. Um outro filho, chamado Machdodaula, e que fôra váli de Santarém, foi também prêso e enviado para África.

Assim terminou a reino de Badajoz.

A derrota sofrida pelo conde D. Raimundo levou Afonso VI a retirar ao seu genro o govêrno do território ao sul do rio Minho, formando um condado com as terras que iam desde êste rio até Santarém, cujo govêrno deu ao conde D. Henrique com a liberdade de aumentá-lo com os territórios que pudesse tomar aos muçulmanos.

Em 1097 já encontramos de facto o conde D. Henrique governando o território desde o Minho ao Tejo.

Também dentro do território da Galiza, entre o Minho e o Sil, se formara outro condado, em 1100, cujo govêrno foi confiado ao conde D. Froilaz.

P O R T U G A L E

Em 1102 o general Syr tomava posse do pequeno reino de Santa Maria de Farún, que então estava sendo governado por Bení-Racín.

Numa carta de doação, datada de S. Vicente de Oviedo, em 1107, segundo diz Sandoval (obr. citada), se declarava que — «reina D. Afonso VI em tôda a Espanha com a rainha D. Isabel; na Galiza o conde D. Raimundo, genro do rei; e o conde D. Henrique, em Coimbra e em Portugal».

Tendo falecido o califa Iúçufe a 2 de Setembro de 1106, sucedeu-lhe seu filho Alí ben Iúçufe ben Texufin, que mandou seu irmão Temim governar a Península. Êste escolheu Granada para sua residência. Em breve, iniciou as operações, tomando primeiro Valência, e depois Saragoça:

Voltou-se depois contra os cristãos, derrotando o exército de Afonso VI na batalha de Uclês (30 de Maio de 1108).

Nesta batalha foi morto o príncipe D. Sancho, herdeiro do trôno, e a quem seu pai dera o comando das tropas.

Afonso VI pouco sobreviveu a êste desastre, pois faleceu a 30 de Junho de 1109. Sucedeu-lhe sua filha D. Urraca, a qual, tendo enviúvado do conde D. Raimundo em 1107, contraíra novo matrimónio com o rei de Aragão, D. Afonso I, o *Batalhador*.

Em 1110 o general Sir fêz uma expedição ao Algarve, tomando, neste ano e princípios de 1111, Badajoz, Évora, Lisboa, Santarém (esta a 26 de Maio de 1111) e Pôrto (Cron. Lusitano, na Espanha Sagrada T. 14.º-420). Êste general morreu em 1113, em Sevilha, sucedendo-lhe no comando e govêrno das tropas Mohámed ben Fátima.

Em fins de 1118, Afonso I de Aragão toma Saragoça, transferindo para aqui a sua côrte; mas em 1120 os almorávidas pretenderam tomar esta cidade, sendo derrotados na batalha de *Cutanda*.

Em 1125, Afonso I de Aragão, instado pelos moçárabes de Granada, organizou uma forte expedição, para a qual forneceram os granadinos 12.000 homens. Com o rei de Aragão iam muitos franceses e os bispos de Huesca e de Saragoça. Apesar dos grandes auxílios prestados pelos moçárabes, que preparavam os acantonamentos e forneciam os víveres, as operações foram realizadas sem método. Só em frente da praça de Guadix esteve D. Afonso mais de um mês, e sem a tomar. Durante êste sítio as tropas cristãs devastaram os arredores de Granada, onde estava Temim ben

P O R T V C A L E

lúquie, que em vão pediu reforços de África. Pelo contrário, o califa Alí chamou Temín, que levou para a África grande parte das tropas almorávidas, que havia na Península, assim como víveres, munições e armas.

A substituir Temín no govêrno da Península, veio então Texufin, filho de Alí.

Entretanto, Afonso I de Aragão, tendo levantado o sítio de Guadix, transpôs as Alpujarras e chegou até Velez-Málaga, onde mandou pescar no Mediterrâneo, declarando que em breve iria apanhar o peixe às costas do Mogreb.

Em seguida, o rei de Aragão efectuou a retirada, tendo chegado a Saragoça, após 15 meses de marchas e contra-marchas, levando ricos despojos e trazendo alguns milhares de moçárabes, que abandonaram as suas terras, receosos da vingança dos muçulmanos. De facto, esta expedição, que nada produziu, pois D. Afonso não tomou Granada, que era o seu objectivo, só provocou da parte dos muçulmanos uma feroz perseguição aos moçárabes.

O sultão Alí publicou um édito, mandando desterrar para a África milhares de moçárabes.

O novo emir do Andaluz, Texufin, começou então as suas operações, e, indo em socorro da praça de Fraga, que o rei de Aragão cercava, levou as suas fôrças escalonadas, e de tal maneira manobrou que envolveu as tropas dos cristãos, tendo sido estas derrotadas (17 de Agosto de 1134) e Afonso gravemente ferido, morrendo dentro de poucos dias (7 de Setembro).

Na África tinham-se operado grandes transformações. Os almorávidas viram-se atacados pelos almóhadas, que lhes iam cercando o seu império, a ponto de não poderem aquêles enviar tropas para o Andaluz.

O enfraquecimento do domínio almorávida na Península deu lugar à formação de novos pequenos reinos, desmembrando-se assim o emirado de Córdova.

O emir Texufin ainda realizou algumas operações. Atacou a ponte romana de Abrantes, cujos defensores lhe opuseram grande resistência; e pôsto que conseguisse tomar esta ponte, contudo não pôde tomar a praça, limitando-se a devastar os arredores.

Em 1137 as cousas agravaram-se na África, e o imperador Ali chamou seu filho Texufin.

Êste, tendo acabado de arrasar *Ossónoba*, levou desta região

P O R T U G A L E

6.000 cativos, que consigo transportou para África, em 1137. Esta gente foi, os combatentes, encorporada no exército para combater os almóhadados; e as mulheres, vélhos e crianças foram empregados no cultivo das terras. Foi, pois, em 1137 que *Ossónoba* acabou de ser reduzida a ruínas.

Durante o domínio almóhada só são mencionados os nomes de Santa Maria de Farún e de Tavira, e não se fala mais em *Ossónoba*.

Os restos desta antiga cidade foram-se desmantelando, e, depois da conquista do Algarve pelos portugueses, a mão do homem foi-se conjugando com a acção do tempo para quasi fazer desaparecer os vestígios daquela cidade, que foi capital do Algarve e sede de um bispado, e que teve sob o seu domínio a cidade de Silves.

No concílio nacional de Saragoça, em 380, convocado por Idácio, arcebispo de Mérida, tomou parte Itácio, bispo de *Ossónoba* (*Ithacius Sussobensis*).

No tempo de Constantino Magno teve lugar uma nova divisão eclesiástica da Espanha, que ficou compreendendo seis dioceses. A quinta era a de Mérida, tendo doze bispados, entre os quais figurava o de *Ossónoba*.

Em 666, no concílio provincial, reunido em Mérida, por ordem do metropolitano Proficio, compareceram 12 bispos sufragâneos, e entre estes estava Exarno, bispo de *Ossónoba*.

No tempo do rei Vamba continuava a fazer parte da «*Emeritensis Metropolis*» o bispado de *Oxonoba*.

«*Oxonoba teneat de Ambia usque Sallam, de ipsa usque Turrem*» (Lucas tud. in Chron., lib. 3, fol. 57).

No «*Codigo Ovetense*» do Escorial, escrito em 780, se diz — que da metropolitana *Emerita*, dependiam os bispados de — *Pace* (Beja); *Olisipona* (Lisboa); *Egitania* (Idanha-a-Vélha); *Ossónoba*; *Conimbria*; *Beseo* (Viseu); *Lameco* (Lamego); *Ábela* (Avila); *Elbora* (Évora); *Caurio* (Coria); *Salmantica* (Salamanca); *Caliabria*.

No «*Codice moçarabe*», do século IX, existente na Biblioteca Nacional de Madrid, vêm indicadas as dioceses dependentes do arcebispado de Mérida, e lá figura o bispado de *Ossónoba*.

O nosso rei D. João V quis evitar a completa desapareição das ruínas de *Ossónoba*, mandando publicar o Alvará de 20 de Agosto de 1721, dado em Lisboa, no qual ordenava ao Ouvidor

P O R T U G A L E

da comarca de Faro, José Barreto Soares — «que não consentisse que pessoa alguma, de qualquer qualidade ou condição, desfizesse ou destruísse, em todo ou em parte, qualquer edificio, cipó ou lápide que, tendo letreiros, mostrassem ser do tempo dos fenícios, gregos, romanos, bárbaros ou árabes, e recomendando à Câmara de Faro que tivesse muito particular cuidado em conservar e guardar tôdas as antiguidades que houvessem, ou viessem a aparecer».

À Câmara de Faro pertence, pois, a defesa das ruínas de Ossónoba.

Lisboa, 24 de Junho de 1930.

VITORIANO JOSÉ CÉSAR.

General presidente da Comissão de História Militar.

